



A abordagem homossexual nas telenovelas brasileiras¹

Lucas SILVA²

Rayan SANTOS³

Josefa Melo e Sousa Bentivi ANDRADE⁴

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

Este artigo busca fazer uma análise aplicada à relevância da homossexualidade nas telenovelas brasileiras, tendo como base o desenvolvimento sociológico, e explicando sobre a construção desse gênero de narrativas, que são as telenovelas: seu surgimento, introdução, estrutura e repercussão. Assim, pode-se, então fazer a abordagem do tema por completo, desde o sua introdução até os dias atuais, onde ainda é possível notar preconceito por grande parte da sociedade, além de um forte conservadorismo, que muitas vezes não podemos atribuir culpa a quem escreve o produto audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; mudanças sociais; telenovela;

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a temática em que o homossexualismo foi inserido, mostrado e explorado nas telenovelas¹ do Brasil, desde seu primeiro personagem na telenovela: *Assim na Terra como no Céu*, na década de 70, até os dias atuais, quando já há uma diversidade de personagens. A atual novela das 21 horas, da Rede Globo, *Amor à Vida*, mostra pela primeira vez um personagem gay atuando no núcleo principal, fazendo um grande sucesso pelo público. Observam-se também os avanços, como por exemplo, a abordagem sobre a construção de uma família de pais homossexuais, e também algumas temáticas em que ainda é notável uma grande barreira, que muitas vezes surge por preconceito, conservadorismo social e por outros fatores.

Assim, mostra-se, nos primeiros tópicos desse artigo, a construção das telenovelas, abordando a estrutura, em âmbitos históricos e sociológicos, sua evolução,

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 ó Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante de graduação do 2º semestre do curso de Comunicação Social - habilitação Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão, e-mail: callenn@hotmail.com

³ Estudante de graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social - habilitação Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão, e-mail: edumsantos2@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense.

¹ A telenovela (ou novela) tal como conhecemos hoje, enquanto formato de ficção televisiva, surgiu em 1963, podendo ser definida como uma narrativa ficcional de serialidade longa, exibida diariamente e que termina por volta de 200 capítulos, ou seja, é levada ao ar seis dias por semana e tem uma duração média de oito meses. (IMMACOLATA, 2009)



e também a introdução dos primeiros personagens gays nas novelas para obtenção de um melhor entendimento sobre a abordagem mais recente sobre o tema. A partir desse ponto, trata-se da evolução desse assunto, começando das mudanças notáveis entre a década de 70 e 80, principalmente sobre os comportamentos desses personagens, em seguida explica-se também o tema no contexto do Merchandising Social², que passou a ser usado a partir da década de 90 e, por fim, chega-se aos anos 2000, analisando todo o contexto social inicialmente estudado com o atual momento, fazendo o uso também de dados estatísticos e pesquisas.

O INÍCIO DAS TELENOVELAS NO BRASIL

A telenovela adquiriu um importante valor cultural na vida do brasileiro, exercendo e influenciando em papéis fundamentais na sociedade, e isso não é novidade. Esse gênero surge proveniente das radionovelas, começa a criar forma em 1951, um ano após o surgimento da televisão no Brasil, quando foi ao ar a primeira tentativa de se realizar uma história sequencial: *Sua Vida Me Pertence*, pela TV Tupi³ original de Walter Forster, transmitida as terças e quintas-feiras ao vivo, devido ao vídeo tape ainda não ter sido inventado. Como ressalta Fogolari (2002, p. 111), o gênero evoluiu no interior de uma TV pautada pela improvisação técnica, organizacional e empresarial. Mas o formato de telenovela, mais próximo de como conhecemos hoje, só surge em 1963 com a estreia da novela: *2-5499 Ocupado*, na extinta Rede Excelsior, onde esse primeiro período de telenovelas é marcado por forte ausência de modelo, adequando-se às exigências do público, e também de mercado.

Atualmente, a telenovela como se caracteriza principalmente por uma exibição quase diária, voltada, principalmente, para o entretenimento, dividida em uma série de episódios, que se diferenciam em sua duração. Arlindo Machado em seu livro: *A televisão levada a sério*, caracteriza a telenovela como um gênero narrativo seriado, que se enquadra em uma construção teleológica (MACHADO, 2000, pg.83), já que basicamente são formadas de uma única narrativa ou várias narrativas entrelaçadas, onde é estabelecido, segundo ele, um desequilíbrio natural, e no decorrer desse fato,

² Pode ser definido como recurso comunicativo que consiste na veiculação em tramas e enredos das produções de teledramaturgia de mensagens socioeducativas explícitas, de conteúdo ficcional ou real.

³ Pioneira na experiência com telenovelas (1964-1980)



uma busca para que o equilíbrio possa ser restabelecido, o que costuma acontecer nos capítulos finais. Como se observa, a estrutura das formas narrativas se dá de forma complexa e interessante.

O enredo é geralmente estruturado sob a forma de capítulos ou episódios, cada um deles apresentado em dia ou horário diferente e subdividido, por sua vez, em blocos menores, separados um dos outros por breaks para a entrada de comerciais ou chamada para outros programas. Muito frequentemente, esses blocos incluem, no início, uma pequena contextualização do que estava acontecendo antes, [...] e no final um gancho de tensão, que visa manter o interesse do espectador. (MACHADO, 2000, p. 83)

Ainda em resgate ao histórico, um fator importante que ocorre com o primeiro sucesso de audiência de uma telenovela se deu em 1965, com *O Direito de Nascer*, apresentada pela TV Tupi, que trouxe uma grande repercussão na época, marcou de vez a ascensão no gênero, que fez com que houvesse mais investimentos pelos grandes empresários de televisão no incentivo da realização das telenovelas. Mas foi, a partir do final dos anos 60, que as telenovelas começaram a ter uma identidade própria brasileira, pois, antes disso, seguia-se um modelo de teledramaturgia importado dos países latino-americanos⁴. Essa ruptura acontece com a telenovela *Beto Rockfeller (Tupi, 1968)*, tirando a novela de um âmbito mais sentimental, ou dramalhão, e trazendo mais perto do modelo de novela realista, adaptando-se a uma nova linguagem, uma nova abordagem. Desse modo, houve uma identificação maior do público com os personagens e com a trilha sonora desvinculando-se do modelo antigo, onde diálogo, figurinos e cenas eram pesados e fora do cotidiano. (IMMACOLATA, 2009, pg.25)

Maria Immacolata (2009) afirma que esse fato trouxe a trama para o universo das grandes cidades brasileiras, juntamente com a introdução de um humor inteligente, uma linguagem coloquial, ambiguidade dos personagens, mostrando assim um diferencial enorme, um novo formato que passou a ser seguido pelas outras emissoras. Reconhecer a telenovela como componente de políticas de comunicação/cultura que seguem o desenvolvimento da cidadania e direitos humanos na sociedade (Immacolata, 2009), é o que ela chama de recurso comunicativo. A partir desse momento, foi adotada uma ideia de que cada novela deveria trazer uma novidade, tendenciada por uma maior verossimilhança, ganhasse destaque, principalmente em debates. Assim, a partir das novelas de 70, temas de relacionamento, amor e sexualidade, passaram a ser abordadas, conseguindo assim, elevados índices de audiência.

⁴ Segundo pesquisa recente, 68% dos telespectadores nunca assistem a telenovelas produzidas em países latino-americanos, como México e Colômbia.(pesquisa TGI- Target Group Index, outubro, 2008)



Devido a esse fato, em 1969, a Globo aderiu ao novo modelo e encomendou a Janete Clair que adaptasse para a TV uma história que ela já tinha escrito para a rádio. Immacolata afirma que o poder dessa narrativa se dá em sua capacidade de traduzir emissor através de relações afetivas, ao nível do vivido, misturando-se com a experiência do dia-a-dia, e foi seguindo essa ideia que a Globo saiu na frente na adaptação desse modelo de gênero narrativa para ser transmitido público, refletindo, assim, os altos índices de audiência que conseguiu obter e que até hoje lidera⁵, mesmo com o surgimento da concorrência. Em um contexto mais atual, a novela tornou-se um elemento cultural do país, é possível comunicar-se através desse tipo de narrativa, uma mensagem é passada e recebida, o entendimento é variável, em meio a tantas questões globais, a telenovela contribui para algo que pode ser chamado de identidade nacional.

A novela brasileira talvez seja um exemplo único de como um sistema de mídia televisiva pode ser um dos fatores a contribuir para a emergência de um espaço público peculiar que nos anos atuais se apresenta como uma nova forma de construção de cidadania. (IMMACOLATA, 2009, pg.32)

HOMOSSEXUALISMO NAS NOVELAS E O INÍCIO DE UMA IDENTIDADE

A partir de 1970, como já foi evidenciada, há uma ruptura causada nesse meio com a novela: Beto Rockfeller, os autores pensavam em explorar temas diferentes, com o objetivo de prender a atenção dos telespectadores, porém, em razão da censura, diversas cenas eram cortadas, isso devido à implantação do Ato Institucional número 5⁶, imposto em 13 de dezembro 1968. Nesse período, conhecido como ~~anos de chumbo~~ tudo que era artisticamente produzido devia passar por uma avaliação da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCPD). Assim, diversos filmes, novelas, músicas, peças de teatro e programação para rádio e televisão, incluindo telenovelas, só eram liberados depois desses exames, alguns foram vetados, como foi o caso da novela Roque Santeiro, que só foi ser exibida de fato em 1985. As emissoras, então, passaram a adequar-se à censura para evitar grandes prejuízos financeiros em ter programas ~~obarrados~~ na programação.⁷

⁵ Em 2013, a média de audiência da Rede Globo foi de 14.3, e o segundo lugar, a Rede Record, marcou 6.1 pontos. (Dados retirados do Blog Jovem Pam)

⁶ Foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao Golpe Civil-Militar de 1964 no Brasil. Dava poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais.

⁷ Foi o objetivo de encontrar soluções de programação confortáveis a censura que fez com que a Globo investisse em uma série de novelas inspiradas em obras de literatura clássica e as exibisse no horário das 18h, fora do prime time. (LEDA, Larissa, 2009)



Conheci a censura de televisão em 1978. A partir daí, vivi momentos de grande frustração o maior foi em 1980, com a minissérie *Bandidos da Falange*, proibida por três meses. Consegui burlar a Censura uma vez, num episódio da série *Plantão de Polícia* sobre um assassino serial que matava homossexuais. Escalamos o Cláudio Marzo para o elenco. E deu certo! A história foi liberada o para a Censura, um galã fazendo um homossexual só podia ser brincadeira. Mas, em. Os cortes foram mantidos. E continuei perplexo. (Aguinaldo Silva, entrevista)

A entrevista de Aguinaldo Silva reforça esse momento de tensão política que as telenovelas sofriam naquele momento, saindo de algo que parecia estar apenas no âmbito do jornalismo, mas que também influenciava em questões ligadas a obras de ficção e realidade. Algumas cenas sobre homossexualismo, de sexo, críticas à igreja, e claro, todas as cenas de críticas ao governo, ou de indícios delas, foram cortadas. Porém, mesmo com todo esse contexto social de ditadura, que esteve presente principalmente nos anos 70, surge o primeiro personagem homossexual em uma novela. Em 1970, exibida às 22 horas e escrita por Dias Gomes: *Assim na Terra Como No Céu* traz ao ar Rodolfo Augusto, um cabelereiro interpretado por Ary Fontoura e marcado por estereótipos⁸.

A novela *Vale Tudo* (1988) teve uma cena censurada que tratava sobre questões de cunho homossexual. Uma simples conversa entre Helena (Renata Sorrah), Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Prochaska), em que o assunto estava ligado à relação romântica entre duas mulheres, tratada como uma opção natural de vida que deve ser aceita sem nenhum preconceito, o que para os censuradores seria um absurdo. Porém esse foi um dos últimos manifesto de censura na televisão, pois, em novembro do mesmo ano, foi promulgada a nova constituição, que aboliu essa prática no país. Percebe-se que os autores ousaram ao tratar da censura, o que se observa é que não eram os autores que não queriam falar sobre o tema, trabalhar de forma mais ampla e fugir de estereótipos, mas sim que, além da rejeição do próprio público, e da adequação que a emissora fez diante dessa situação, a censura foi a principal causadora da abordagem superficial desse assunto.

Por sua vez, a novela *O Bofe* (1972), produzida pela Rede Globo, que vem cheia de personagens excêntricos, e também traz um personagem homossexual, porém ainda muito efeminado. E assim acontece com as novelas da década de 70 que tratavam

⁸ Os estereótipos aqui abordados tratam-se do modo efeminado mostrado, desde o aparecimento do primeiro personagem gay em telenovelas, até as novelas atuais. Como por exemplo, vozes afinadas, roupas justas e chamativas, trejeitos com a mão, bordões peculiares.



desse assunto. *O Rebu*(1975), *O Grito*(1975), *O Astro*(1978), *Dacino*(1978), *Marrom Glacé*(1979) e *Os Gigantes*(1979) foram as outras novelas da mesma época que apresentavam personagens homossexuais. *O Rebu* foi a primeira telenovela em que ficou subentendida a relação entre dois homens e, no caso da novela *Os Gigantes*(1979), produzida pela Rede Globo, ficou, até os dias atuais, uma dúvida no ar: se as personagens Paloma(Dina Staf) e Renata(Lídia Brondi) tiveram algum tipo de relação como um casal, um romance escondido, ou até censurado. Nesse caso, as personagens em questão foram rejeitadas pelo público que considerava imprópria essa temática para a época da ditadura, vista com olhos de uma sátira ao contexto daquele momento.

É importante destacar que ainda na década de 70, as representações homossexuais que ocorreram nas telenovelas estavam entrelaçadas com o cenário político e social da época, pois, surge o *Movimento Brasileiro Homossexual*⁹. Segundo Regina Facchini¹⁰, o nascimento do movimento homossexual no Brasil é marcado pela afirmação de um projeto de politização da questão da homossexualidade em contraste às alternativas presentes no "gueto" e em algumas associações existentes no período anterior ao seu surgimento. Esse nascer do movimento caracteriza seu primeiro momento, quando surgem pequenos grupos espalhados pelo país de afirmação homossexual ou de ação em favor dos homossexuais, ou seja, estavam surgindo assim grupos que apoiavam a causa, de forma tímida, em meio a um período conturbado, para unir uma comunidade que sentia uma necessidade de agrupamento, união e representação a fim de tonar e ter uma identidade social.

As lutas desse movimento em seu primeiro período aconteciam contra a violência e a discriminação voltadas a homossexuais e, principalmente, contra a patologização¹¹, lutando também a favor do tratamento digno sobre o assunto na mídia e pela afirmação de tornar o homossexualismo um tema no qual se pudesse falar, por meio do rompimento com uma norma social centrada na heterossexualidade e na sexualidade reprodutiva. Enquanto isso, nas telenovelas, nada disso ia ao ar, muito pelo

⁹ O movimento brasileiro nasce no final dos anos 1970, predominantemente formado por homens homossexuais, mas, logo nos primeiros anos de atividade, as lésbicas começam a se afirmar também no grupo.

¹⁰ Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp. Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu e professora participante do Programa de Doutorado em Ciências Sociais, ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

¹¹ É o ato de atribuir doença a algo, ou a alguém, mesmo que essa doença não existisse. No caso dos gays, associava-se a figura do homossexual e relacionava-se diretamente com AIDS, mesmo que aquela pessoa não contenha o vírus.



contrário, o movimento também lutava contra estereótipos e, nas novelas, esse tipo de abordagem foi muito explorado. Cenas e programas que, por sua vez, teriam alguma relação com esse tipo de movimento eram vetados pelos censores.

GAYS E SEUS COMPORTAMENTOS DENTRO E FORA TELENOVELAS

A partir da década de 80, gays e lésbicas começam a aparecer com mais intensidade nas telenovelas da Globo, provocando, assim, polêmica e muita audiência. Nesse período, o Brasil se vê livre do regime militar, que termina mais precisamente no ano de 1985. Ganhou força no país, o momento de maior liberdade de expressão, as pessoas, naquele tempo, começaram a se sentir livres com o fim do momento de tensão política e militar, dessa forma, queriam expressar isso de algum modo. Essa década, artisticamente, foi um prato cheio de inovação e também nos comportamentos humanos, cores vibrantes, mudanças de moda, músicas com letras fortes, parecia que todos comemoravam, enfim, a liberdade da sua forma. Essa foi a sensação vivida por muitos em grande parte desse tempo, a começar pelo fim da censura oficial do jornalismo em 1980.

O cenário político e social dos anos 90, após o período militar, foi marcado pela de restauração dos comportamentos humanos, que, por um momento, foram submetidos à alteração. Essa restauração se manifestou principalmente no âmbito artístico. (PERET, 2005, pg.37)

No mundo da televisão também ocorreram algumas importantes mudanças, em Julho de 1980, sai do ar a Rede Tupi de Televisão e, em agosto de 1981, um ano depois, entra no ar o SBT¹² e em 1983, a Rede Manchete, no Rio de Janeiro e, pela primeira vez na história, após o fechamento da Tupi, a Globo começa a enfrentar concorrência (LEDA; Larissa, pg. 43). No contexto geral e mais específico sobre novelas, tivemos nove telenovelas com personagens homossexuais e, diferentemente da década anterior, estavam presentes em produções dos três horários de exibição da emissora (18, 19 e 20 horas).

Em Ciranda de Pedra (exibida de 18 de maio a 14 de novembro de 1981), de Teixeira Filho, Leticia (Mônica Torres) era uma feminista que se vestia e comportava como homem, que ainda seguia o modelo de personagens gays apresentados na década

¹² Sistema Brasileiro de Televisão, emissora fundada pelo empresário Sílvio Santos em 1981.



passada, porém essa foi a primeira personagem gay lésbica estereotipada apresentada nas novelas. Outra novidade sobre personagens homossexuais aconteceu em *Brilhante(1981)*, de Gilberto Braga: Inácio Newman (Denis Carvalho) e Sérgio (João Paulo Adour) eram namorados. Em *Um sonho a mais(1985)*, três personagens se travestem e Ana Bela (Ney Latorraca) protagonizou o primeiro ôselinho homossexual nas telenovelas da Globo. Em *Vale Tudo (1988)*, a telenovela também mostrou uma relação estável entre duas mulheres Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin), que mantinham uma relação completamente discreta, sem nenhum tipo de carícias de namoradas, passando muitas vezes até despercebida pelo público como um casal lésbico.

Porém, personagens gays mostrados como assassinos, estereotipados, e ligados a criminalidade continuaram a existir, como em *Roda de fogo (1986)* e em *Mandala (1987)*, de Dias Gomes. Levanta-se a dúvida sobre que tipo de imagem a mídia queria causar naquele momento, se era proposital, intencional ou apenas um recorte da realidade mal abordado sem nenhuma intenção. Para Immacolata, as novelas só vão, de fato, se preocupar com questões sociais e como essas questões são trabalhadas e exploradas na próxima década, tornando-se, assim, cada vez mais comerciais e industriais (2009, pg.37). Outros personagens gays apareceram, em *Bebê a Bordo (1988)*, de Carlos Lombardi, tratando-se de novo de uma mulher masculinizada; *Pacto de sangue (1989)*, de Regina Braga, contava com um personagem efeminado; e *Tieta (1989)*, de Aguinaldo Silva, que inovou novamente ao apresentar a atriz travesti Rogéria, que interpretava as personagens Ninete e Waldemar.

A participação da travesti Rogéria encarnando uma personagem também travesti não pareceu incomodar a opinião pública; ao mesmo tempo, a Justiça e a Igreja Católica estavam muito mais preocupadas com a relação entre Tieta e seu sobrinho Ricardo, seminarista que abandona a carreira. A telenovela foi um enorme sucesso de público e crítica (PERET, 2005, p. 91).

Enquanto isso, do lado de fora das telinhas, eclodiu o que é conhecido como segundo período do movimento homossexual no Brasil, momento que vai de 1983 a 1992. Nesse período, ocorre o surgimento da AIDS ó então chamada de "peste gay" ou "câncer gay", o que de certo modo foi um fato assustador e que distorceu a imagem da comunidade gay da época. Os grupos ativistas espalhados pelo nordeste diminuíram drasticamente, de 22 grupos localizados no período anterior, no final dos anos 1980



passa a cinco ou seis em todo o Brasil. Nesse mesmo tempo, criou-se a noção de "orientação sexual", com a finalidade de deslocar o debate que apresentava a homossexualidade como condição inata ou como escolha individual. Outra característica desse período é que a palavra de ordem típica passou a ser "é legal ser homossexual".

Facchini (2005) caracteriza esse período com um impacto desmobilizador, pelo menos de início. As novelas não ajudavam muita coisa para limpar essa imagem, os estereótipos continuaram a parecer, personagens ligados para o lado da criminalidade e das drogas também eram abordados, ou seja, ainda na década de 80, o modo como se trabalhou o assunto não contribuiu para a construção de uma boa imagem do homossexualismo perante a sociedade. Depois da ditadura, houve sim uma liberdade maior de abordar esse assunto, no auge da televisão. Ao menos não foi retratada nas telas a questão da AIDS, porém o cenário não se diferenciava tanto assim da década de 70, lá a censura teve influência, já nos anos 80, quando ainda há um processo de libertação de antigos paradigmas vividos no período passado, a influência vem também das lutas e dos movimentos, sendo assim um período de transição para uma fase um pouco mais abrangente para a abordagem da temática homossexual: Década de 90.

A ABORDAGEM HOMOSSEXUAL E O MERCHANDISING SOCIAL

Mesmo em meio a toda luta homossexual por seus direitos desde os anos 70, esse fato não era tratado nas telenovelas e muito menos refletido nesse contexto. Porém, temas sociais que antes eram retratados de um modo leve e previsível, se reformulam, e começam a abranger questões da sociedade de forma mais ampla e pública, como tráfico de drogas, corrupção, miséria social, crise política, doenças terminais. Imacolata afirma que esse foi um momento de sistematizar e aprofundar a verossimilhança dentro das telenovelas, como foi sugerido no modelo proposto por Beto Rockfeller. Nessa evolução histórica da matriz do melodrama persegue-se o efeito de verossimilhança a partir do aprofundamento do tratamento naturalista de temáticas sociais nas tramas, notadamente na década de 1990, superando a proposta realista dos anos 70, afirma a Professora. A partir desse ponto de vista, é notável o amadurecimento das teledramaturgias da época, criando, cada vez mais, uma identidade própria das novelas brasileiras, pois ainda mantinham uma diferença brusca de outros modelos de telenovelas estrangeiras, principalmente na América Latina.



O aprimoramento da identidade da telenovela brasileira fica claro quando se consolidou de vez o Merchandising Social nas novelas, pela Rede Globo, em 1990. Apesar de apenas nesse período ter sido evidente o tema, esse tipo de merchandising já se fazia presente antes¹³. "Merchandising social existe desde o início da década de 1970. 'Verão Vermelho', em 1970, já tratava da questão da reforma agrária. 'Meu Pedacinho de Chão', analfabetismo e questões do homem do campo", afirma Nilson Xavier¹⁴.

Os dispositivos discursivos naturalistas ou documentarizantes que vieram a ser deliberadamente explicitados na telenovela, combinados com a diversificação da matriz melodramática na novela, passaram a ser conhecidos como merchandising social. (IMMACOLATA, 2009, pg. 38)

Nesse período e, nesse contexto, as telenovelas da época apresentavam temas socialmente mais fortes, e a abordagem homossexual ganhou mais força, já que estava em um meio totalmente livre da censura, mas a recepção do público ainda era conservadora e preconceituosa. Aumentaram a quantidade de novelas que continham personagens gays, e o modo como eles eram apresentados avançou mais em comparação a maioria das abordagens feitas nas décadas passadas. *Mico Preto* (1990) traz um casal homossexual, *Barriga de Aluguel* (1990), usa mais uma vez a abordagem estereotipada da imagem do homossexual, com seu personagem Lulu, interpretado por Eri Johnson. *Deus nos Acuda* (1992), abordava um homem que voltava para casa transvestido, e se envolvia com outro homem. Já em *A Próxima Vítima* (1995), recorrendo pela primeira vez a heterossexualização¹⁵ de personagens gays, surgiu o casal Sandrinho e Jefferson (André Gonçalves e Lui Mendes), que tratou de um relacionamento homossexual sem caricaturas, com o romance gay e multirracial e que foram aceitos pelo público. O casal também não tinha carícias, beijos, carinhos ou declarações, mas foi um casal de gays que marcaram as telenovelas. O ator André Gonçalves sentiu de perto a reação do preconceito de grande parte da sociedade, pois, apesar da aceitação do seu personagem, ele chegou a ser agredido fisicamente na rua por um grupo de homens. Podemos reafirmar a noção do preconceito e conservadorismo social, ao analisar o casal lésbico da telenovela *Torre de Babel*. Dessa vez o público não

¹³ Plábio Desidério, em seu artigo *Ficção e Homossexualidade na TV*, considera o termo Merchandising Social como controverso, pois se tornou naturalizado no campo televisivo, porém criticado no campo acadêmico

¹⁴ Com a Internet, seus registros novelísticos migraram para a rede: em 2000 lançou o site Teledramaturgia, cujo sucesso o levou a publicar o *Almanaque da Telenovela Brasileira*, em 2007.

¹⁵ A abordagem homossexual ocorre de forma heteroafetiva, isso é, como se fosse um casal heterossexual, partindo da heteronormatividade, que segundo Plábio Desidério, ser gay é apenas um detalhe, nesse tipo de exploração temática



aceitou o casal formado por Rafaela e Leila (Christiane Torloni e Silvia Pfeiffer), que tiveram que ser, mesmo contra a vontade do autor Silvio de Abreu, excluídas da novela e, para isso, ambas foram vítimas de um incêndio criminoso em um shopping e morreram queimadas.

Nota-se claramente que a mensagem que os autores pretendem passar nas novelas, muitas vezes é deturpada, rejeitada ou até censurada pela própria emissora, que tenta adequar a mensagem ao receptor. Os autores declaram expressamente à imprensa que procuram pessoas na rua para saber as suas opiniões sobre o que está escrevendo para assim ter ideias sobre o desenvolvimento dos personagens (IMMACOLATA, 2009, pg. 30). E foi exatamente isso que aconteceu em Torre de Babel, o autor simplesmente teve que mudar o desenvolvimento daqueles personagens para melhor adequação ao público. Isso deixa claro que autores e as emissoras não se preocupam tanto, até os anos 90, com a qualidade da abordagem que está sendo transmitida, mas, em simplesmente agradar aos telespectadores. Construíram-se mecanismos de interatividade dentro dos meios das teledramaturgias, que se configura com a experiência comunicativa, cultural, estética e social. Essa configuração, quando ocorre naturalmente, forma um padrão de qualidade. (IMMACOLATA, 2009, pg. 34)

Entende-se como a qualidade da abordagem, a real preocupação em abordar o homossexualismo por completo e suas problemáticas, sem interferência da adequação ao público, não chega, os movimentos pela causa homossexual se expandem rapidamente nesse período, recuperando-se da perda que houve na década passada. É o terceiro período desse movimento, que começa em 1992, quando suas principais características marcadas pela implementação de uma política de prevenção às DST/AIDS.

Houve um aumento do número de grupos e a expansão do movimento por todos os estados do País, acompanhado por uma diversificação de tipos de organizações: não havia apenas grupos comunitários, mas também ONGs, setoriais de partidos, grupos religiosos, acadêmicos, as chamadas igrejas inclusivas, que trabalham diretamente com a questão LGBT. Surgiu, então, uma "terceira onda" do movimento. Nesse novo momento, uma das características é a diferenciação de vários sujeitos políticos internos ao movimento: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, com foco em demandas específicas de cada um desses coletivos. (FACCHINI, 2005, pg. 79)

Observa-se, portanto, o início de uma mudança causada por uma forte questão social que envolve diversos interesses e cria divergências de opiniões na sociedade, ajuda e começa a entrar no ritmo dos fatos sociais que acontecem dentro desses movimentos. Por exemplo, em *Por Amor*, novela de Manoel Carlos, que foi um dos



principais pioneiros no uso do merchandising social, aborda-se essa questão de forma mais espontânea e, assim, nota-se uma busca por tratar da realidade daquele momento homossexual, e das conquistas realizadas socialmente, mostrando isso nas tramas de forma mais natural. É o caminho que se abre para um leque de abrangência de subtemas que envolvam essa problemática. Os autores passaram a perceber que o debate sobre homossexualidade estava em alta no país, e que isso atraía audiência, visando ao tema como uma jogada comercial. Outros autores perceberam a necessidade de inclusão social sobre aquele assunto, reflexos das lutas e conquistas dos homossexuais que ganharam mais força e identidade na última década do século XX e que uma representação estereotipada, apenas voltada para a comédia, tratada de moda artificial, ou ligada à criminalidade, não estava mais condizendo com a realidade daquele período. Assim, as expectativas para o aprofundamento e complexidade da abordagem desse tema nos anos 2000 foram gigantescas.

ANOS DOURADOS DA HOMOSSEXUALIDADE NAS NOVELAS

Na década de 2000, a presença de personagens homossexuais nas telenovelas da TV Globo se fez de forma mais constante. Se comparada aos anos anteriores ainda temos os três perfis apontados por Colling (2007): criminosos, afetados e heterossexualizados. Em *As Filhas da Mãe* (2001), de Sílvio de Abreu, comédia das 19 horas, foi abordada a questão da transexualidade; No ano seguinte, também numa produção das 19 horas, *Desejos de Mulher* (2002), de Euclides Marinho, havia um casal gay formado por Ariel (José Wilker) e Tadeu (Otávio Muller), que iniciou a história de forma discreta e sem caricaturas. Por conta de mudanças realizadas na telenovela, devido aos baixos índices de audiência, a trajetória do casal mudou drasticamente, tornando-o caricato e cômico.

Em relação às décadas anteriores, nota-se ainda algumas diferenciações bastante significativas nas representações desses personagens. Primeiramente, a questão da adoção de crianças por casais do mesmo sexo e as barreiras sociais e jurídicas existentes nessas situações como ocorreu com os casais Jenifer/Eleonora em *Senhora do Destino* (2004). A quantidade de personagens gays dentro das telenovelas aumentou drasticamente nesse período, já que, nesses anos, a problemática saiu da abordagem típica de períodos passados, e enfrentou novas questões que a sociedade vivia ao mesmo tempo, porém não se pode pensar somente que havia uma necessidade de cunho social,



o interesse do mercado publicitário, indústrias do consumo, também influenciavam nessa abordagem, pois, o mercado exige tais representações.

Nos últimos anos a telenovela se ocupou em inserir temas que procuram englobar questões sociais e que para os escritores de teledramaturgia, seriam pertinentes. Esses temas são inseridos, muitas vezes, de forma didática, em busca de uma conscientização do público, e também de forma publicitária e mercadológica. (DESIDÉRIO, Plábio, 2013)

E assim, Manoel Carlos escreve um relacionamento sem estereótipos entre duas garotas em *Mulheres Apaixonadas*(2003), casal até querido pelo público, mas no fim da telenovela, o esperado beijo ocorreu quando elas interpretavam o casal homossexual protagonista da tragédia teatral de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, que, ainda assim, não foi considerado um beijo, mas, apenas um ~~selinho~~. Em *Celebridade* (2003), de Gilberto Braga, a vilã Laura (Claudia Abreu) revelou-se bissexual. O relacionamento sem estereótipos entre duas mulheres voltou a ser tema em *Senhora do Destino* (2004), de Aguinaldo Silva, com a médica Leonora (Mylla Christie) e a estudante Jenifer (Bárbara Borges), contudo o casal somente foi formado a após a metade da história. Em *América* (2005), de Glória Perez, a temática da homossexualidade foi abordada através do personagem Júnior (Bruno Gagliasso), no qual a polêmica maior dessa trama ficou pela expectativa de um beijo gay no último capítulo da telenovela. A cena chegou a ser escrita e gravada, mas a TV Globo preferiu não exibi-la, o que gerou reclamações de telespectadores e de movimentos gays. Manoel Carlos, um dos principais autores que gosta de trabalhar com esse tema, fez essa temática presente em todas suas telenovelas dos anos 2000¹⁶.

A visibilidade da homossexualidade é incrementada também pelo processo de segmentação de mercado, que se torna presente para todos os grupos sociais: do mesmo jeito que temos a criação de produtos de beleza para peles negras, programas de lazer, turismo e cursos para a terceira idade, acompanhamos também o surgimento de casas noturnas, bares, revistas, companhias de turismo e da mídia segmentados, ou seja, voltados para o público então designado pelos atores do mercado como "GLS" (gays, lésbicas, e simpatizantes). (FACCHINI, 2005, pg. 80)

E assim, acompanhando a evolução enorme que foi o contexto social homossexual desses últimos anos, que as telenovelas abriram cada vez mais espaço para esses personagens, explorando novos ângulos, mas ainda sim estática diante de outros. Personagens gays nas novelas da Globo em horário nobre ficaram cada vez mais comum, em *América* (2005), de Glória Perez; *Páginas da Vida* (2006), de Manoel

¹⁶ Manoel Carlos irá estreitar a próxima novela da Globo, *Em Família*, no horário nobre, e promete um casal lésbico e beijo gay.



Carlos; Paraíso Tropical (2007), de Gilberto Braga e Ricardo Linhares; Duas Caras (2007), de Aguinaldo Silva; A Favorita (2008), de João Emanuel Carneiro; Viver a Vida (2009), de Manoel Carlos; Passione (2010), de Sílvio de Abreu; Insensato Coração(2011), de Gilberto Braga e Ricardo Linhares; Fina Estampa(2012), de Aguinaldo Silva; Salve Jorge(2012), de Gloria Perez, e na atual novela, Amor à Vida, de Walcyr Carrasco. Percebe-se então que ano após ano esse assunto é abordado nas teledramaturgias, às vezes com, e às vezes sem nenhum tipo de preocupação social.

A ATUAL CONSTRUÇÃO DOS PROXÍMOS CAPÍTULOS

Em 2013, em pleno horário nobre da Rede Globo o tão famoso beijo gay aconteceu nos minutos finais do último capítulo de "Amor à Vida", entre Nico e Félix, um dos protagonistas da telenovela, vilão homossexual gerou grande repercussão. Atípico, o personagem é interpretado por Mateus Solano, recebeu diversas críticas positivas. O autor, Walcyr Carrasco, utiliza estratégias para abordar o tema da homossexualidade, pois a novela possui o Félix, cheio de estereótipos, porém em outro núcleo, o autor usa a discussão sobre o tema da adoção de um filho em que o casal homossexual Eron (Marleco Antony) e Niko (Thiago Fragoso) realizou, para contrabalancear. Em reconhecimento ao trabalho, Walcyr Carrasco, no dia 15 de outubro de 2013, ganhou um prêmio¹⁷, entregue pela prefeitura do Rio de Janeiro, àqueles que contribuíram com ações para acabar com o preconceito.

"Com o protagonista que uma pessoas chamam de bicha má. Se você disser que essa bicha é má todas vão ser assim. Todo mundo me disse que essa novela ia ser um fracasso. Tive a sorte de ter um grande ator que é o Mateus. Eu quis explorar essa bicha má não por ser engraçado, mas expor esse ódio que ele sentia de si mesmo e isso vinha da homofobia que ele sofria dentro de casa. Homofobia é o cara que diz eu não tenho preconceito, só não quero que meu filho seja gayö. (Walcyr Carrasco, entrevista)

Já Manoel Carlos, autor da novela que substituiu Amor à Vida, apostará nos trabalhos das atrizes Giovanna Antonelli e Tainá Muller, que fazem um casal gay.. No roteiro de Em Família, Giovana Antonelli decide abandonar o marido, Kadu (Reynaldo Gianecchini), após conhecer e, se apaixonar por uma bela fotógrafa, papel de Taína Muller.

Em função desse fato, é possível notar que o cenário das representações da abordagem homossexual, modificou-se, mesmo diante de uma sociedade ainda

¹⁷ Dados retirados do seguinte endereço: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/premio>



conservadora. Nota-se avanços na aceitação dessa abordagem feita em outros setores artísticos, sem grandes transtornos. O que se observa, é que a telenovela tem grande importância e, como já foi exposto nesse trabalho, atribui valores a uma identidade nacional participativa que, pode ter, de acordo com o período social, diferentes reações e influências dentro da abordagem determinada. Certamente, se o Félix fosse inserido em telenovelas da década de 70 ou 80, causaria uma forte indignação e repúdio ao personagem, que por muito tempo, foi consequência da censura, mesmo após seu fim, ou seja, a inserção dessa temática está diretamente relacionada com o público e o momento histórico. É ilógico fazer uma abordagem sobre algo que ofenda o público (DESIDÉRIO, 2013), mas é evidente que grande parte do público não se ofende como antes, e isso devido, também, a presença desse tema em quase toda telenovela nesses últimos anos, além da afirmação dos direitos homossexuais que está, de modo geral, em constante avanço, seja na política, no social ou no civil, em contraste ainda com a violência física e psicológica vividas por essas pessoas, que sentem a necessidade de uma representação mais profunda, e isso reflete também sobre a ficção.

REFERÊNCIAS

- COLLING, L. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Revista Gênero*, Volume 8, Nº 1, 2007
- DESIDÉRIO, P. *Ficção e homossexualidade na TV*. 2013. AQUI, Nº2. Doutor em comunicação social pela UNB
- FACCHINI, R. Sopa de Letrinhas: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- IMMACOLATA, M. Telenovela como recurso comunicativo. Ano 3- Nº1, 2009
- MACHADO, A. A Televisão levada a sério. São Paulo: Editora SENAC, 2000
- PERET, L.E.N. De *õO Rebuõ a õAméricaõ*: 31 anos de homossexualidade em telenovelas da Rede Glob(1974-2005). *Contemporanea*. Nº 5, Semestre 2, 2005a.
- ROCHA, Larissa Leda Fonseca. Diluindo Fronteiras: Hibridizações entre o real e o ficcional na narrativa da telenovela. São Luís: Edufma, 2011.